

MUNDOS DA RUA: SOBRE BARRICADAS, ZONAS E QUEBRADAS **THE WORLD OF STREETS: ON BARRICADES, ZONES, AND QUEBRADAS** RAFAEL ALMEIDA, CAMILO AMARAL

Rafael Tavares dos Santos Almeida é Arquiteto e mestrando em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-graduação Projeto e Cidade da Universidade Federal de Goiás (UFG).
rafaeltavares.arq@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/8568434630339301>

Camilo Vladimir de Lima Amaral é Arquiteto, Mestre e Doutor em Arquitetura e Urbanismo. É professor da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Goiás (UFG) e do Programa de Pós-graduação em Projeto e Cidade da mesma instituição. Desenvolve pesquisas sobre o campo expandido da arquitetura, ferramentas e processos colaborativos de projeto, teoria crítica e estética, produção de subjetividades, utopias dialéticas e ecologia política urbana. camilovla@ufg.br

<http://lattes.cnpq.br/6861542919882643>

ARTIGO SUBMETIDO EM 15 DE AGOSTO DE 2022

Como citar esse texto: ALMEIDA, R. T. S.; AMARAL, C. V. de L. Mundos da rua: sobre barricadas, zonas e quebradas. **VIRUS**, n. 25, 2022. [online]. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/papers/v25/682/682pt.php>. Acesso em: dd mês. aaaa.

Resumo

Este artigo utiliza a escuta *flâneur* para investigar espaços nomeados pela população de rua como quebradas. Esta metodologia consiste em ouvir histórias através de perambulações pela cidade e, assim, investigar os campos cegos tanto das suas narrativas quanto das suas espacialidades. Buscou-se identificar as representações, aberturas, limites e potencialidades das quebradas, analisando até que ponto elas agenciam espacialidades contra-hegemônicas. Para isso, por um lado, as barricadas foram utilizadas como paradigma histórico para uma análise comparativa do processo de subversão do poder hierárquico e de substituição da ordem do discurso dos vencedores pelo dos vencidos. Por outro lado, a espacialidade dos moradores de rua e a maneira como se apropriam da cidade — completamente silenciada pela teoria urbana — permitiu problematizar a possível reconstituição do discurso hegemônico a partir dos discursos erráticos da rua. Neste sentido, confrontamos as quebradas com os conceitos de Zonas Autônomas Temporárias (TAZ), heterotopias e barricadas como pontos de partida para investigar seu potencial como uma forma diferencial de luta urbana. Como resultado, trazer as quebradas para o centro do discurso abre a possibilidade de pensar a luta extrema pela sobrevivência cotidiana como uma voz peculiar numa multidão de lutas contra as máquinas colonizadoras da cidade.

Palavras-chave: Barricadas, Heterotopia, Quebrada, TAZ, Zona

1 Introdução

Segundo Fábio Zuker (2020), horror ao vazio, do latim *Horror Vacui*, é uma característica intrínseca do barroco e do rococó. Nenhum espaço permanece vazio, sempre deverá ser preenchido por algum elemento. Os espaços devem ser ocupados de forma maciça, apinhada e, de certo modo, até opressiva. Por este motivo, durante a expansão europeia através das navegações portuguesas e espanholas, esse medo do vazio foi ainda mais incisivo. Os mapas de lugares desconhecidos eram preenchidos com seres monstruosos e lugares imaginários, tais como sereias, monstros marinhos, animais exóticos e civilizações lendárias. Em essência, o horror ao vazio era um princípio estético de recusa a um mundo novo que se avizinhava. Assim, o novo mundo já ia nascendo conquistado e dominado, antes mesmo de ser conhecido. O vazio, portanto, poderia ser preenchido com imagens de si, uma forma de poder que se baseia na assimilação totalizante (ZUKER, 2020).

Por outro lado, o barroco e seu medo do vazio surgiram como um instrumento de contra-reforma. O barroco reconstruiu um discurso sistêmico e totalitário, eliminando as dúvidas e tormentos do maneirismo, e reconstruindo a visão do centro de poder da igreja católica, eliminando tudo o que não era de dentro. A proposta deste trabalho é simples: inverter o horror ao vácuo para investigar o vácuo do horror, inverter o medo do vazio para investigar o vazio do medo. Dessa forma, busca-se reposicionar as espacialidades excluídas e silenciadas, para revelar tanto o seu discurso (contra-hegemônico) quanto os discursos (hegemônicos) que as silenciam.

Nesse sentido, para se abordar essas espacialidades que estão obscurecidas e silenciadas, é preciso buscar escavar pistas e guias de suas estruturas. É preciso reconstruir estas espacialidades por meio das relações interpessoais, dos silêncios e das temporalidades adormecidas que formam na cidade contemporânea um espaço negativo. Esses espaços, que são nomeados popularmente como quebrada, são muito mais do que simples esconderijos de ações delinquentes. Normalmente instalados em ruínas da civilização modernas, subvertem suas fundações — contrapondo dor e gozo, desejo e insubordinação, assimilação e insurgência — numa lógica muito mais de revolta, intensificação e anulação do que de alternativa, inversão ou diferença. Para investigar estes aspectos, procuraremos destrinchar um pouco mais sobre as características desses espaços — onde nada pode ser mais intensamente nada e onde ninguém pode ser mais plenamente ninguém — para em seguida investigar as semelhanças e diferenças entre os aspectos contra-hegemônicos das quebradas contemporâneas e das barricadas da época de Georges-Eugène Haussmann. Precisaremos fazer um pequeno desvio para nos aproximarmos desta comparação.

No filme *Stalker* (1979), o cineasta soviético Andrei Tarkovsky narra a história de uma realidade paralela do nosso planeta, em uma linha do tempo não definida, que por algum motivo desconhecido foi utilizada como campo de pouso de naves

extraterrestres. As áreas de pouso produziram um lugar no qual acontecem eventos estranhos que não obedecem às leis da física e da lógica. Esses lugares são chamados de zonas. O *stalker* — Alexander Kaidanovsky — é uma espécie de coletor de objetos que foram abandonados pelos visitantes, ele conduz pessoas pela zona. Acompanhados pelo *stalker*, o escritor — Anatoly Solonitsyn — e o professor — Nikolai Grinko — seguem viagem rumo ao quarto que realizaria qualquer desejo de quem entrasse nele. Mas, em uma das principais cenas, após um incidente incompreensível, o *stalker* explica aos acompanhantes que a zona tem um funcionamento complexo cheio de armadilhas que está sempre em mutação. Às vezes a ida ao quarto pode ser fácil, e em outros momentos pode ser tortuosa. Ele acredita que a zona deixe entrar apenas os que perderam a esperança, os desventurados. Assim, o quarto realiza todos os desejos apenas de quem não tem mais desejos, numa condição muito similar às das quebradas contemporâneas.

O que é único na ficção científica de *Stalker* não é a invasão do território terrestre por alienígenas, como em tantas outras obras de ficção científica, mas o fato de que essa visita não tenha tido sequer um contato direto. Enquanto ponto de parada para um outro destino, o nosso planeta sem importância se transforma em vazio, uma área já cartografada e dominada, um vazio onde tudo se realiza a quem nada deseja. Mas, o grande conflito dos personagens de *Stalker* é menos a busca por realizar seus desejos do que o tormento de perceber o limite existencial do que podem desejar.

Ao assistir *Stalker* é inevitável comparar as zonas com o conceito de Zona de Autonomia Temporária (TAZ)¹, criado por Peter Lamborn Wilson, conhecido pelo pseudônimo de Hakim Bey (2018). Esse conceito foi concebido após o autor identificar e analisar nas histórias das utopias piratas, liga de assassinos medievais e na literatura espaços temporários estratégicos que serviram para organizar saques e redes de informação. Essas constituíam “comunidades intencionais e minissociedades inteiras vivendo conscientemente fora da lei e determinadas a continuar assim, mesmo que durante uma vida curta, mas alegre” (BEY, 2018, p. 11). Por um lado, enquanto a zona revela a insignificância dos desejos hegemônicos irrompendo-se no vazio, este vazio é ao mesmo tempo pura potência. Por outro lado, a TAZ é puro desejo hegemônico subvertido (invertido), vivendo conscientemente fora, num mundo paralelo. A especificidade da quebrada é explorar a pura potência da subversão, vivendo inconscientemente dentro de um vazio insignificante. Nem zona, nem TAZ, a quebrada precisa ainda de uma formulação teórica para que se possa explorar a sua potência enquanto força contra-hegemônica.

Partindo dessas premissas, o método para a escolha das pessoas ouvidas foi o de observação flutuante, descrito por Colette Pétonnet (2008). Essa metodologia consiste em se deixar disponível enquanto caminha, deixando que eventos por ordem do acaso proporcionem encontros pelo cruzamentos durante o caminhar descompromissado. Aqui não foi proposto um encontro com pessoas que já tenham um grau de conhecimento prévio, mas com pessoas que estejam totalmente fora de um grau de interação, o “que consiste em dirigir a palavra a alguém de quem não sabemos nem de onde vem, nem o que faz, alguém de quem de nada sabemos. Estaria esvaziada ao mesmo tempo a dimensão do anonimato, como se ela fosse negativa ou nociva” (PÉTONNET, 2008, p. 101). Nesse sentido, a mediação foi feita pela cidade, retirando as instituições e criando um primeiro encontro anônimo. Segundo Pétonnet, em situação de “perfeito anonimato, a fala é livre como o ar, sem vínculos ou guardiões. [...] É por isso que é verdade, seja qual for a parte de si mesmo, real ou fantasiosa, que o indivíduo opte por revelar” (PÉTONNET, 2006, p. 257, tradução nossa)².

Essa observação flutuante ocorreu concomitante à escuta *flâneur*, uma vez que a partir do encontro se exige a disponibilidade para o início de uma viagem desinteressada. “Uma viagem muito particular ao sentido que o outro dá àquilo que ali veio fazer” (SIMÕES, 2008, p. 195). Entretanto, esse passeio desinteressado não é uma ação sem propósito. Ao oferecer o passeio, pode-se escorregar histórias de suas relações e seus significantes a partir da própria vida: lutos, traumas, ancestralidade, conflitos, memórias, filosofia de vida entre outras (PÉTONNET, 2006). Por isso, a intenção de se perder para descobrir modos de vida urbanos oscuros e silenciados, deve partir de um passeio desinteressado e ir desvelando maneiras de se encontrar e se reencontrar. Portanto, a escuta *flâneur* se caracterizou pela realização de várias entrevistas em livre associação com sete pessoas em desabrigo, acompanhadas de observações em loco ao longo de doze meses, onde os tópicos relatados e as espacialidades eram investigadas concomitantemente e em deriva. O foco foi observar o potencial contra-hegemônico das formas de habitar a rua e, por este motivo, iremos inicialmente estabelecer o

¹ Do termo em inglês: *Temporary Autonomous Zone*.

² (tradução nossa) No original: En situation d'anonymat parfait la parole est libre comme l'air, sans attache ni dépositaire. [...]. C'est pourquoi elle est vraie, quelle que soit la part de lui-même, réelle ou fantasmagorique, que l'individu choisit de livrer.

cenário histórico do potencial contra-hegemônico da apropriação das ruas através do exemplo paradigmático das barricadas de Paris e sua contraparte, a contra-reforma de Haussmann.

2 Quando as ruas reinventam o caminho, ou de barricadas contra máquinas coloniais

As insurgências, insurreições, revoltas e sublevações, são termos utilizados comumente por historiadores e cientistas sociais para rotular revoluções que não foram adiante e não concluíram o ciclo completo de tomada de poder. Numa espécie de roda da fortuna onde a superação do antigo pode gerar um novo sistema pior que o anterior, esse ciclo seria constituído das seguintes etapas: traição, reação, revolução e criação de um novo Estado com novas leis que operaram novos tipos de opressão (BEY, 2018, p. 15). Porém, para Rita Velloso (2017) a insurgência tem um papel especial na transformação do poder instalado no espaço: “[...] cada insurgência é experiência de ruptura transitória com o lugar; cada insurgência instabiliza os hieróglifos espaciais, monumentos, ruas, edifícios, ao redor dos quais acontece. Toda e cada insurgência explode a lógica subjacente ao urbano desenhado e planejado” (p. 45). Assim, as insurgências, mesmo que pontuais, poderiam ser entendidas como uma transformação prática do caminho que as ruas traçam.

“Além de pragmáticas, as barricadas têm um caráter *ready-made*, são constituídas da utilização de todo e qualquer material disponível no entorno que possam ser rapidamente empilhados, a depender de fatores como tamanho da rua, a relação com as edificações e suas alturas” (LÖWY, 2019, p. 90). Elas são a transformação do espaço dominante por aqueles que não possuem nada, utilizando os restos do que por um instante não é mais de ninguém. Logo, as barricadas ilustram como as revoltas dos oprimidos subvertem a geografia urbana em toda a sua complexidade. Estas revoltas se inscrevem nas subjetividades populares, pois, apesar de serem frequentemente derrotadas, elas alteram o fluxo histórico a partir de um breve domínio das ruas, avenidas e praças. É assim que Walter Benjamin imagina as barricadas como um lugar de utopia, ao citar que Fourier coloca a sua construção como “um trabalho não assalariado, mas apaixonado” (BENJAMIN, 2018b, p. 256).

Essa ruptura na estrutura do trabalho assalariado para o trabalho apaixonado cria um modelo de relações por afinidades, o qual Hakim Bey (2018) nomeou como bando. Os afiliados ao bando têm um contrato social com o vínculo efetuado pela generosidade, não obedecem hierarquias maiores, mas parte de uma relação horizontal nos costumes, ligadas à expansão de alianças espirituais, parentesco, interesse específicos mútuos e outras redes de correspondência. Walter Benjamin, em *Passagens*, nota que nas barricadas de Paris o espaço urbano se torna o campo estratégico para o agenciamento dos desejos, das iras e do comum entre as classes — o manejo dos sentimentos se dá através do bloqueio das ruas e da geografia urbana. Velloso (2017) observa que as barricadas em Paris envolveram esse processo de delimitação de desejos e bloqueio geográfico, onde foram levantadas pela primeira vez em 1827. No ano de 1830, foram erguidas novamente para bloquear o caminho do Hotel de Ville à Praça da Bastilha e em 1832, uma zona que compreendia quase um terço de toda a Paris estava delimitada por barricadas — levantadas quase que exclusivamente por trabalhadores, bloqueando um exterior e defendendo uma zona interior.

Já a revolução de fevereiro de 1848 insere uma complexidade maior: o ideário socialista era difundido entre os proletários ao mesmo tempo que encrudecia o sentimento nacionalista. Pautas reivindicando mais democracia e manifestações contra corrupção faziam parte do cenário, somadas ao descontentamento por parte da população católica com um primeiro-ministro protestante. Nesse contexto, foi instalado um governo provisório, que não conseguiu atender ao clamor popular. Assim, em junho do mesmo ano, são construídas cerca de quatrocentas barricadas que agora buscavam transformar tanto seu interior quanto seu exterior. Este movimento se tornou paradigmático para toda a Europa e influenciou lutas posteriores no mundo todo (BENJAMIN, 2018b; PINHEIRO, 2011). Porém, após a revolução de 1848, entre 1853 a 1870, foi realizada uma grande intervenção em Paris, chefiada por Georges-Eugène Haussmann. Apesar de utilizar um discurso de embelezamento, essas reformas podem ser caracterizadas como uma contra-reforma. Elas foram uma destruição criativa do espaço da cidade, que incluiu a transformação de hábitos e costumes de seus moradores, a ampliação da reprodução do capital por meio de investimentos em infraestrutura e habitações luxuosas, além da ampliação das vias para permitir a circulação de mercadorias e, principalmente, a circulação tropas de repressão contra as barricadas. Desse modo, essa contra-reforma urbana foi utilizada para a instalação de uma nova ordem e para a neutralização das revoltas populares (PINHEIRO, 2011; VELLOSO, 2017).

Para além disso, essas contra-reformas em Paris foram uma disputa de classes que se manifestaram como uma luta pela produção de diferentes vazios. Por um lado, um horror ao vazio muito específico destruiu os campos cegos impregnados na malha antiga da cidade, aqueles onde a vista do poder não alcançava. Por outro lado, produziu as grandes-alamedas que criaram novos vazios dominados pelo poder hegemônico.

Os edifícios de Haussmann são a representação perfeitamente adequada dos princípios do regime imperial absoluto, emparedados numa eternidade maciça: repressão de qualquer organização individual, de qualquer autodesenvolvimento orgânico, o ódio fundamental de toda individualidade (BENJAMIN, 2018b, p. 227-228).

Podemos dizer que Haussmann foi um dos precursores de uma forma maquínica de colonização metropolitana o que, segundo Habitantes da ZAD (2021), é um fenômeno contemporâneo mundial de exploração e agenciamento de territórios e corpos. Esta colonização é uma tentativa de apagar as heterotopias (territórios outros) a fim de transformar o espaço metropolitano em uma homotopia (territórios iguais). Assim, ela integra a força todas as dinâmicas sociais ao mercado, depreciando outras formas de vida em prol da mercadoria.

[...] admitir de uma vez por todas, sem titubear pelas consequências, que na colonização o gesto decisivo é o do aventureiro e o do pirata, o do mercador e do armador, do Caçador de ouro e do comerciante, o do apetite e da força, com a maléfica sombra projetada por trás por uma forma de civilização que em um momento de sua história se sente obrigada, endogenamente, a estender a concorrência de suas economias antagônicas à escala mundial (CÉSAIRE, 2020, p. 13).

Paradoxalmente, mesmo que ilumine zonas obscuras ou preencha o vazio com novos símbolos, o horror ao vácuo acaba sempre criando zonas ficcionais onde outras heterotopias podem emergir. Para Foucault ([1984] 2013), em uma palestra realizada no ano de 1967 ao Círculo de Estudos Arquiteturais de Paris, as luzes das novas utopias sempre criam as sombras que são as sementes de outras heterotopias fundadas na vida prática e cotidiana:

Há países sem lugar e histórias sem cronologias. [...]. Sem dúvida, essas cidades, esses continentes, esses planetas nasceram, como se costuma dizer, na cabeça dos homens, ou, na verdade, no interstício de suas palavras, nas espessuras de suas narrativas, ou ainda, no lugar sem lugar de seus sonhos no vazio de seus corações; numa palavra, é o doce gosto das utopias. No entanto, acredito que há – e em toda a sociedade – utopias que têm um lugar preciso e real, um lugar que podemos situar no mapa; utopias que têm um tempo determinado, um tempo que podemos fixar e medir conforme o calendário de todos os dias (FOUCAULT, [1984] 2013, p. 19).

Assim, as heterotopias são utopias localizadas, contra espaços: “lugares que se opõem a todos os outros, destinados de certo modo, a apagá-los, neutralizá-los ou purificá-los” (FOUCAULT, [1984] 2013, p. 21). “Em geral, a heterotopia tem como regra justapor em um lugar real vários espaços que, normalmente, seriam ou deveriam ser incompatíveis” (FOUCAULT, [1984] 2013, p. 24). Portanto, o projeto urbanístico haussmanniano foi incapaz de evitar os campos cegos e as zonas obscuras novamente apropriados pelas classes precarizadas. Apesar de toda luz e esplendor, foi preciso apenas algumas brechas para se instalarem novas táticas e práticas que subverteram o alcance da visão do poder estatal. Em 1871, mais uma vez, as multidões se organizaram e tomaram não só ruelas, mas também construíram barricadas com os paralelepípedos do pavimento dos novos boulevards, fazendo ressurgir antigas zonas de autonomia – essas novas ruas se transformaram novamente em canteiros de (auto)construção.

Novamente, essas barricadas foram erguidas pelo trabalho livre, tornando-se um território comum, uma zona de defesa dos miseráveis que também se tornava uma habitação a céu aberto (VELLOSO, 2017). Em essência, o rito da construção das barricadas assemelha-se a uma festa e, para Hakim Bey (2018), a festa pode ser definida como um grupo de pessoas em esforços combinados para realizar e manejar desejos mútuos (seja pela animação, pela conversa, pela endorfina, ou pela comida) para criar uma obra de arte comunitária ou, talvez, até pelo prazer erótico da organização social, pela pulsão de vida que emana do êxtase de se estar junto.

O vazio espacial que as barricadas criam é uma potência que emerge do elemento da espontaneidade e provisoriidade que tanto caracterizou aquela comunhão de forças. [...] A apropriação das ruas dá-se como criação de um espaço que materializa mais no desejo político do que na necessidade política (VELLOSO, 2017, p. 55).

No século XXI, poderiam essas barricadas serem expressas não só na condição material, de levante popular com a apropriação e reivindicação do tecido urbano, mas também na característica imaterial de reivindicação daquilo que foge ao planejamento, enquanto desejos recalcados de reconhecimento e através de uma disputa pela apropriação do cotidiano das cidades?

3 Quebradas: espacialidades de uma outra barricada

Por um lado, como seria possível abordar as máquinas de colonização contemporâneas e suas estruturas de controle? Uma vez que seu alcance é inimaginável devido ao avanço da tecnologia, suas estruturas são tanto corporativas quanto militares, seus projetos de vigilância, rastreamento e controle são cada vez mais eficientes e ocultos por trás da vida cotidiana nas cidades. Para Stephen Graham (2016), é importante ressaltar que essa colonização da metrópole tem como função dominar problemas sociais complexos, concentrando a violência política nos espaços públicos e na vida social, utilizando o medo como motor propulsor para sitiar cidades a partir da tecnologia e da beligerância estatal. Por outro lado, como é possível que populações absolutamente excluídas fujam dessas estruturas de controle? No (sub)mundo das ruas sobrevivem aqueles que não mais receiam o perigo, sobrevivem mais do arrojo do que da coragem, habitando nos seus próprios medos. Nesse sentido, a proposta para abordar esse dilema é investigar a invisibilidade como tática, e como ela ocupa áreas clandestinamente de forma a suspender um regime de visibilidade, mesmo que seja por um tempo relativamente curto, e criando maneiras de organização, mesmo que apenas o suficiente para se sobreviver.

3.1. Por uma Escuta *Flâneur* e uma Observação Flutuante das Quebradas

Para Benjamin (2018a), os contadores de história se baseavam em uma transmissão oral de suas experiências, por meio de ditos populares, contos de fadas ou pela simples transmissão de conhecimento investida pela autoridade recebida com a idade. Para o autor, a arte de contar história se aproxima de uma forma artesanal de comunicação. O importante não é trazer o fato em si, como se se tratasse de uma burocracia documental ou de uma informação pura e simples. Trata-se de carregar as experiências passadas pelos próprios contadores de história, como se assim trouxesse uma marca na história, “tal como a marca do oleiro no vaso de barro” (BENJAMIN, 2018a, p. 149). Os contadores de história se dividiam em dois grupos: os viajantes e os que trabalhavam a terra com as mãos. Ambos partilhavam de experiências, entretanto, as diferenças estão nos modos de experienciá-las (BENJAMIN, 2018a). Acrescenta-se a esse, um outro aspecto da cidade moderna, o surgimento da figura do *flâneur*, um personagem que tem em seu cerne um modo de observação flutuante e que se dá a contrapelo do ritmo imposto pela nossa sociedade, à medida que permite pausas e reelaborações do pensar, possibilitando-nos desenvolver outras formas de experienciar.

Explorando esses aspectos contemporâneos, ao revelar falas e desenvolver reelaborações a contrapelo, o jornalista carioca João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, popularmente conhecido como João do Rio, descreve um processo de etnografia urbana em que, para compreendermos a cidade a partir da rua, não basta utilizá-la. “É preciso ter espírito vagabundo”, cheio de curiosidade e com um desejo incompreensível de experienciar a cidade. Para isso, é necessário que façamos a arte de flunar (RIO, 2016, p. 12). Assim sendo, a quebrada, em sua dinâmica ao mesmo tempo obscura, emudecida e fugaz, demanda uma nova forma de escutar ao mesmo tempo que divaga e perambula. Demanda uma abordagem *flâneur* não apenas como um modo de etnografar, andar descompromissado, mas, também, de ser aquele que está disponível a investigar outras territorialidades que são experienciadas por um outro discurso e uma outra história, cuja escuta deve estar atrelada à própria experiência dos lugares da cidade, entendendo que a própria narrativa é a constituição de uma territorialidade que é e uma experiência viva. Essa escuta sensível ao mesmo tempo à voz e à territorialidade do outro obscuro é que chamamos de escuta *Flâneur*.

Tânia Ferreira (2018), salienta que a escuta parte de um pressuposto que existe um saber daqueles indivíduos que nos falam. Esse saber está calcado na realidade enunciada pelas experiências desses indivíduos e no ato de enunciação. Eles se apropriam do que dizem, e nisso fazem um movimento de renovação e de recriação de si. Dessa forma, o personagem

flâneur se funde com a metáfora do arqueólogo. Ao estar em um ritmo diferente daquele que é proposto pelas máquinas de colonização metropolitana, seria possível escavar a cidade através da escuta de territorialidades obscurecidas, revelando as marcas registradas na enunciação dos sujeitos que vagabundeiam e habitam a própria perambulação da cidade, na mesma medida em que se procura observar e ouvir como elas se fazem corpo, casa e cidade simultaneamente. Por meio desse modelo de escuta se torna possível que o pesquisador não só receba as informações, mas também consiga territorializar os significados dos símbolos expostos. A seguir, apresentaremos o que foi possível identificar até o momento junto à população de rua, esboçando inicialmente três tipologias de quebradas (isto é, de modos de habitação direta da cidade): o mocó, o espaço favela e a casa de portas abertas. Mais do que o quadro parcial que estas imagens tipológicas permitem representar, pretendemos aqui estabelecer o campo de uma nova forma de cartografar esses espaços obscuros e vazios da cidade.

3.2. O mocó

Conforme o exemplo da figura 1, o mocó é a quebrada com aspecto mais distópico. Heterotopia pejorativa, desumanizante e perigosa, é o espaço dos momentos de desespero, da fuga sem fim, é uma zona para o distanciamento completo, para o desapego e a (auto)desconstrução. “Buraco de rato, é um buraco de rato!”, foi a resposta obtida ao perguntar sobre o que seria um mocó. Esse questionamento partiu de um imaginário construído de que os mocós, dentro de uma linguagem informal, seriam locais que servem para esconder algo, desde bolsas e objetos até espaços em desuso que são utilizados de abrigo e/ou esconderijo para a população de rua.



Fig. 1: Residência em Goiânia ocupada como mocó. Fonte: Autores, 2022.

Ao procurar a origem do termo *mocó*, relacionada à esconderijo, não foi encontrada uma origem, mas a afirmação feita pela população de rua parece ser a mais acertada, pois o *mocó* — *Kerodon rupestris* — é um mamífero roedor da família dos cavídeos que vive exclusivamente no Brasil, nas regiões do semiárido e da caatinga, que faz com que seja um animal altamente adaptado às condições de escassez. O *mocó* vive em fissuras de rochedos e lajes de pedra, onde há sombra e maior umidade, protegendo-se do clima e de predadores. Diante dessas condições, esse roedor desenvolveu características adaptativas determinantes para a sua sobrevivência (SOUSA, 2006). Outra situação apontada pela população de rua é que a nomeação desses lugares dessa forma libera o Estado para a utilização de uma força excessiva, uma vez que o nome ganha um contexto pejorativo ao relacionar a pontos para utilização de drogas, esconderijo de armas e objetos obtidos a partir de furtos. Para Dias (2007), essa dupla associação cria um descrédito na vida humana, animalizando as pessoas que se abrigam nesses espaços, colocando-os em condição de praga. Esse ideário de que existe uma vida que realmente importa incita um discurso contra a vida dessas pessoas.

3.3. Espaço favela

São ocupações realizadas pela população de rua em prédios em desuso, normalmente não vinculadas a movimentos de ocupação. Entretanto, mesmo não pertencendo a movimentos de moradia, Urpi (2019, p. 391), afirma que as ocupações compartilham de um “paradoxo do provisório-permanente”, pois, por não existir uma segurança jurídica, seus moradores podem ser retirados a qualquer momento. Dessa forma, os ocupantes sofrem com uma insegurança constante, que impele melhorias contingenciais, apropriações parciais, enraizamentos passageiros, soluções caracterizadas pelo efêmero, temporário, improvisado, como ocorre no exemplo da figura 2, na apropriação das ruínas da sede do Instituto de Arquitetos do Brasil, Goiás.

As pessoas não têm para onde ir, moradores de rua ocuparam aquele espaço. Então ele é um espaço favela, um espaço que, mesmo que não tenha saneamento básico, não tem energia. [...] não tem um banheiro, mas está sendo um espaço onde eles não estão no sereno, estão é protegido por paredes e tal (Entrevistado).



Fig. 2: Ruínas da sede do Instituto de Arquitetos do Brasil – Goiás. Fonte: Autores, 2022.

A população de rua, assim como as camadas populares, deseja que seus lugares de habitação tenham uma boa localização devido às inúmeras características com as quais o lugar se relaciona. Isso pode incluir a proximidade com o trabalho, muitas vezes atrelada à coleta de materiais recicláveis e manguear³, ou a construção de uma rede de proteção que inclui vínculos

³ Manguear é a ação de pedir dinheiro.

familiares, de amizade e de vizinhança. Assim, normalmente os espaços-favela são, preferencialmente, constituídos dentro de centralidades.

[...] Pros caras trabalhar no sinaleiro também. Então é assim. A maioria dos caras que moram ali naquela área, eles trabalham ali lavando um carro. [...] Exerce alguma coisa, vende uma balinha, vende uma água, então até pede também, né? Para se manter em si. Então, para mim, cara, ele é um espaço muito estratégico [...] (Entrevistado).

3.4. A casa está de portas abertas

Certa vez, ao interrogarmos uma pessoa em situação de rua sobre conceder uma entrevista, ele respondeu: “eu vivo ali naquele colchão, a casa está de portas abertas”. Essa fala demonstra a relação que a população de rua tem com o território: um espaço onde a intimidade e a espacialidade são mediadas pela temporalidade, uma vez que ao não possuir um fechamento físico a apropriação do território é dada por presenças. Esse território é constituído pelo ocupar de um determinado espaço e as relações construídas a partir destas temporalidades e de seus elementos, sejam eles uma calçada, um corpo no chão, uma forragem de papelão e um cobertor, uma barraca de camping, um sofá, ou uma cadeira (como pode ser observado na figura 3). Todos eles são a constituição de territórios de luta e de vida direta na cidade.



Fig. 3: Apropriação de rua como morada em Goiânia. Fonte: Autores, 2022.

Essas imagens perturbam o espetáculo ao trazer à tona uma realidade muitas vezes dormente. Escatológicas, essas pequenas concessões territoriais podem muitas vezes ter a medida de um corpo (distante, contrastante, repugnante). Esse corpo pode estar em movimento ou repouso e o seu território, sem sentido ou estabilidade, se move à medida que estabelece novas relações de deslocamento e permanência. E esse corpo só se apresenta na sua capacidade de afetar e ser afetado por outros corpos. Aqui a barricada se apresenta no seu elemento mínimo, uma barricada de corpos. Enquanto a territorialidade formada por esses corpos, os elementos determinantes são a forma com que são manejados os elementos de cada território, as distâncias entre um corpo e outro, as formas de apoderamento e composição corporal que se dão através de distâncias estabelecidas, sejam elas frente a frente ou lateralmente. Esses corpos são sempre constituídos pelas relações com os materiais próximos, sendo assim, são sempre e ao mesmo tempo múltiplos. Aqui as barricadas não são uma arquitetura defensiva, mas, são sobrepostas para criar mais modos de habitar (CERVANTES, 2021).

4 Considerações finais

Hakim Bey (2018) afirma que, desde 1899, quando o último espaço de terra foi reivindicado por um estado nação, não existe uma terra realmente fora das fronteiras conhecidas⁴. Até mesmo o sistema solar já está pretensamente demarcado. Entretanto, vastos territórios se escondem dentro das malhas dimensionais complexas da geografia que escapam das medidas cartesianas. Como vimos, a territorialidade da quebrada possui uma dimensão obscura, traumática, opaca, excluída e silenciada. Por outro lado, ela recria limites, libera vazios, imaginação e novas apropriações. Para entender esses espaços enquanto barricadas contemporâneas contra uma colonização metropolitana é preciso muito mais do que um novo método e muito mais do que uma escavação a contra-pelo. Para abordar as quebradas como barricadas, é preciso superar os mapas hegemônicos e ao mesmo tempo entender como eles são usados como aparelhos para explorar desvios. É preciso um escutar que ao mesmo tempo divaga e imagina, já que seu discurso nunca foi formulado. É preciso flutuar por entre outros saberes enquanto se observa, já que suas utopias e sonhos nunca existiram, pois o vazio desses espaços é formado justamente pela sublimação dos desejos.

Conforme observado, os mapas não só possuem espaços invisíveis nas cartografias de controle e poder (BEY, 2018), como também produzem novos espaços invisíveis habitados por seres estranhos e excluídos. Mas mesmo que nossos mapas nunca reproduziram a totalidade do mundo, é possível investigar as operações de poder e as potencialidades escondidas por trás de sua criação. Em *Stalker*, existe uma operação que cria vazio e libera desejos, assim como na TAZ, em que existe uma operação que despreza uma zona das estruturas hegemônicas. Mais do que formulações contra-hegemônicas, a escuta *flâneur* das quebradas permitiu observar espacialidades não hegemônicas se instalarem. A questão que resta colocar é sobre como as quebradas podem liberar uma área de imaginação que desterritorializa e reterritorializa outras temporalidades, ocupando e discursando clandestinamente sobre esses lugares. O trabalho futuro a ser feito é um de criatividade: como esses vazios podem intencionalmente direcionar a produção de outras territorialidades?

Por fim, uma abordagem que possibilite avançar e construir esse passeio flutuante por entre quebradas, perambulando territorialidades que emergem de sua escuta sensível, poderá permitir se aproximar das fendas do mundo hegemônico e observar o vazio obscuro presente mesmo nos territórios mais iluminados e controlados de nossas cidades contemporâneas. Nesse sentido, mais do que encontrar respostas sobre as quebradas, este percurso nos permitiu superar a síndrome do *horror vacui*, e, ao olhar, observar por meio do próprio terror vazio os limites da própria cidade hegemônica.

Referências

- BENJAMIN, W. **Linguagem, tradução, literatura**. [Filosofia, teoria e crítica]. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018a.
- BENJAMIN, W. **Passagens**. 3 vols. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018b.
- BEY, H. **TAZ - Zona Autônoma Temporária**. São Paulo: Veneta, 2018.
- CÉSAIRE, A. **Discurso sobre o colonialismo**. São Paulo: Veneta, 2020.
- DIAS, A. A. M. **Anacronautas do teutonismo virtual: uma etnografia do neonazismo na Internet**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2007.
- FOUCAULT, M. **O corpo utópico, As heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013.
- GRAHAM, S. **Cidades sitiadas: O novo urbanismo militar**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- HABITANTES DA ZAD, Notre-Dame-des-Landes. **Tomar a terra**. São Paulo, Glac, 2021.
- FERREIRA, T. **Pesquisa em psicanálise: a conversação e a entrevista clínica como oferta da palavra - a aposta na invenção subjetiva**. In. FERREIRA, T.; VORCARO, A. (Org.). *Pesquisa e psicanálise: do campo à escrita*. Belo Horizonte:

⁴ As *terras nullius* existentes, como Bir Tawil na África e Terra de Marie Byrd na Antártida, são, conseqüentemente, conflitos de reconhecimento (onde dois países reconhecem diferentemente) ou um espaço não reivindicado por nenhuma nação soberana.

Autêntica Editora, 2018.

LÖWY, M. **A Revolução é o Freio de Emergência**: Ensaios Sobre Walter Benjamin. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.

URPI, M. U. (2019). HABITAR CASARÕES OCUPADOS NO CENTRO HISTÓRICO DE SALVADOR, BAHIA, BRASIL: velhos cortiços e novas experiências e direitos. **Caderno CRH**, 32(86), 383–393.

CERVANTES, T. Toward a Politics of Body-Barricades. *Ill Will*, 2021. Disponível em: <https://illwill.com/toward-a-politics-of-body-barricades>. Acesso em: 10 de ago. de 2022.

PÉTONNET, C. **Observação flutuante**: o exemplo de um cemitério parisiense. *Antropolíticas*, Niterói, n. 25, p. 99–111, 2008. Disponível em: <http://www.marcoareliosc.com.br/08petonnet.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2022.

PÉTONNET, C. **L'anonymat ou la pellicule protectrice**. *Le temps de la réflexion*, 1987, VIII (La ville inquiète), pp. 247-261, 2006. Disponível em: <http://www.marcoareliosc.com.br/08petonnet.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2022.

PINHEIRO, E. P. Haussmannização ou haussmannizações?. In: **Europa, França e Bahia**: difusão e adaptação de modelos urbanos (Paris, Rio e Salvador) [online]. 2nd ed. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 67-87.

RIO, J do. **A Rua**. São Paulo: Edições Barbatana, 2016.

SIMÕES, S. S. Observação Flutuante: uma observação 'desendereçada'. *Antropolítica* (UFF), v. 25, p. 193-196, 2008.

SOUSA, R. A. de. **Caracterização do ritmo de atividade/repouso do Mocó** (Kerodon Rupestris) em fotoperíodo artificial. 2006. 80 f. Tese (Doutorado em Estudos de Comportamento; Psicologia Fisiológica) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

STALKER. Direção de Andrei Tarkovski. Moscou: Mosfilm, 1979. 1 Blu-ray (161 min.).

VELLOSO, R. O tempo do agora da insurgência: memória de gestos e política do espaço, segundo Walter Benjamin. In: BRITTO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein. **Corpocidade**: gestos urbanos. Salvador: Edufba, 2017. p. 42-69.

ZUKER, F. **Em rota de fuga**. São Paulo: Quadradocirculo; Editora Hedra, 2020.